

AGRICULTURA FAMILIAR, GÊNERO E AGROECOLOGIA: (RE)SIGNIFICANDO A POSIÇÃO DA MULHER NO MEIO RURAL

Área temática: Espacios Rurales, Agricultura y Seguridad Alimentária

ADILSON TADEU BASQUEROTE SILVA - Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento sócio-ambiental, Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, Florianópolis, Brasil, abasquerote@yahoo.com.br.

GLÁUCIA DE OLIVEIRA ASSIS - Professora Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental – MPPT, Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, Brasil, galssis@gmail.com

As transformações ocorridas na agricultura familiar nos últimos anos têm incitado estudos sobre reprodução social, a sucessão da propriedade familiar e as relações de gênero. No contexto da agricultura familiar, um dos segmentos que vem se destacando é a agroecologia por ser considerada uma alternativa importante de geração de renda e de fixação das populações no campo, por meio de melhoria das condições de vida e de trabalho dos/as envolvidos/as. Por proporcionar visibilidade ao trabalho feminino, a agroecologia gera relações de gênero mais equilibradas e rearranjos familiares. É neste contexto que este estudo objetiva analisar a importância da agroecologia como promotora de equidade de gênero na agricultura familiar agroecológica da Associação de Produtores Agroecológicos Semente do Futuro (APASF) do município de Atalanta, Santa Catarina (BR). Para tal, foi realizada uma pesquisa qualitativa com base na coleta de dados por meio de observação participante e entrevistas não estruturadas e realizadas com homens e mulheres, membros da Associação. Segundo os relatos, a agroecologia promoveu mudanças na organização familiar e na posição de gênero no interior da Associação e proporcionou às mulheres a um lugar estratégico no sistema produtivo das propriedades e nas relações familiares. Por fim, as ações futuras da Associação envolvem homens e mulheres e evidenciam que é possível igualdade gênero na agricultura familiar.

Palavras-chave: Agricultura Familiar, Agroecologia, Gênero, Associação de produtores

INTRODUÇÃO

Historicamente, adensados estudos foram produzidos e publicados em nível internacional no âmbito acadêmico e político tendo como referência os estudos de Shanin (1985) entre outros, visando compreender o processo de formação da agricultura familiar enquanto categoria de análise. No Brasil, o termo entrou na pauta das ciências sociais apenas nas últimas décadas. Porto e Siqueira (1994), Brummer (2000) ao refletirem a trajetória teórica do uso dos termos “camponeses”, “pequena produção” e “agricultura familiar”, afiançam que seu uso expressa e traduz perspectivas analíticas que remetem a construções diferentes do objeto. Para as autoras a análise da produção, reprodução e transformação da agricultura de base familiar possui dimensões sociais, históricas e políticas. Assim sendo, considerou-se pertinente contextualizar a emergência da noção de agricultura familiar no âmbito acadêmico brasileiro sem, contudo perder de vista, sua inserção no debate internacional.

O termo agricultura familiar, apesar de controverso, ganha legitimidade a partir dos anos 90 mediante um processo que envolve questões políticas e acadêmicas. Conforme indica Schneider (2003), no campo político, o termo emerge como categoria utilizada pelos movimentos sociais no campo, vinculados ao sindicalismo rural ligado a Central Única Trabalhadores (CUT) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag). Segundo o autor, estas organizações se valem do termo para defenderem seus interesses frente a constituição do Mercado Comum do Sul (Mercosul). Ao longo da década de 90, o termo passou a agrupar um amplo leque de movimentos que reivindicavam políticas de preços e crédito diferenciados para os agricultores familiares. Posteriormente, o termo passa a ser legitimado pelo Estado ao ser incorporado legalmente e institucionalmente com a criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), em 1996, no qual, foram criadas políticas de crédito específicas para este setor.

No cenário acadêmico, estudos de Veiga (1991), Abramovay (1992) e Lamarche (1993, 1998) conferem e dão visibilidade a esta forma social de agricultura. De acordo com Schneider (2003), estes estudos revelaram que a agricultura familiar correspondia a uma forma de organização social legitimada e reconhecida em grande parte dos países desenvolvidos, onde trabalho da família assume importância decisiva na estrutura agrária.

Na atualidade, estudos revelam importância deste setor para a economia do país. Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento - Conab¹, agricultura familiar gera mais de 80% da ocupação no setor rural, responde por sete de cada 10 empregos no campo, por cerca de 40% da produção agrícola, é responsável pela maior parte dos alimentos que abastecem a mesa dos brasileiros, favorece o emprego de práticas produtivas ecologicamente mais equilibradas, como a diversificação de cultivos, o menor uso de insumos industriais e a preservação do patrimônio genético nas propriedades. Segundo este estudo, a agricultura familiar em 2009, foi responsável por 60% dos alimentos que compuseram a cesta alimentar distribuída pela Conab.

Os dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)² reforçam a importância econômica e de soberania alimentar da agricultura familiar ao revelarem que esta, engloba 4,2 milhões de estabelecimentos familiares, representa 84% dos estabelecimentos rurais do país e emprega 70% da mão-de-obra do campo brasileiro. É responsável pela produção de 84% da mandioca, 67% do feijão, 58% dos suínos, 54% da bovinocultura do leite, 49% do milho, 40% das aves e ovos, 32% da soja, entre

1 Disponível em: < <http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1125>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

2 Disponível em: <http://sistemas.mda.gov.br/arquivos/1184712943.pdf5>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

outros, produzidos no país. Além disso, o universo da agricultura familiar é considerado responsável por mais de 40% do valor bruto da produção agropecuária brasileira. Suas cadeias produtivas correspondem a 10% de todo o Produto Interno Bruto (PIB) do país.

Tamanho é importância da agricultura familiar ela é responsável pela produção de alimentos de subsistência, preservação do meio ambiente e manutenção das relações sociais no campo (SPANVELLO, 2008). Neste sentido, Costabeber e Caporal (2003) defendem que ela é, ao mesmo tempo, unidade de produção, de consumo e de reprodução e, portanto, funciona mediante uma lógica de produção combinada de valores de uso e de mercadorias, objetivando sua reprodução. Com sentido similar, Abramovay (1998) considera existir três atributos importantes na agricultura familiar: gestão, propriedade e trabalho familiar. Na sua definição “a agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho é proveniente de indivíduos que mantém entre si laços de sangue ou de casamento” (p. 146). Família, trabalho e gestão também são considerados essenciais na definição de Lamarche (1993, p. 15) quando afirma que “a exploração familiar corresponde a uma unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho está intimamente ligado à família”.

Segundo Abramovay (2001), apenas nos últimos anos o Brasil tem adotado políticas públicas de interesse social e econômico para a agricultura familiar, estabelecendo mecanismos de acesso ao crédito e a terra. Este retardamento em atender as necessidades das famílias do meio rural tem criado na maioria dos jovens herdeiros de pequenas parcelas de terras, o desejo de abandonar a atividade agrícola e buscar no meio urbano, oportunidades mais promissoras de geração de renda.

Em Santa Catarina - Brasil, que abriga em seu território muitos/as agricultores/as de caráter familiar em pequenas propriedades, existem inúmeras iniciativas de produção que buscam sistemas alternativos à lógica mercadológica, predatória e excludente, de produção agrícola convencional, em larga escala. Dentre eles a agroecologia. Neste sistema, os/as agricultores/as vendem seus produtos em feiras ou mercados locais e até mesmo pela internet, com entrega em domicílio, geralmente com uma certificação que lhes diferencia dos agricultores convencionais. Para Caporal e Costabeber (2004, p. 65),

Agricultores convencionais são tratados na literatura que conceitua a Agroecologia como agricultores que aderiram ao modelo produtivista estimulados pelas políticas de modernização da agricultura iniciadas nos anos 1960, conhecida como Revolução Verde. Algumas características dos agricultores convencionais são o uso de insumos industriais, as monoculturas, uniformização genética e, geralmente, a subordinação a uma empresa que comercializa seus produtos.

No entendimento de Caporal et al. (2006), agroecologia é uma ciência que vem da junção da ecologia com a agronomia, levando em consideração a necessidade de conservação da biodiversidade ecológica e cultural, baseada no enfoque sistêmico para a abordagem dos aspectos relativos ao fluxo de energia e de materiais nos agroecossistemas. Corroborando com estes autores, Gliessmann (2001) afirma que a agroecologia visa desenvolver uma agricultura ambientalmente adequada, produtiva do ponto de vista técnico e economicamente viável, valorizando o conhecimento local dos agricultores, a socialização desse conhecimento e sua aplicação ao objetivo comum da sustentabilidade.

Deste modo, agroecologia incorpora ideias que vão além das fronteiras convencionais de agricultura a medida que segundo Altieri (1989, p.18),

[...] constitui uma estrutura teórica destinada a compreender os processos agrícolas de maneira ampla. Os sistemas produtivos são concebidos como

uma unidade fundamental de estudo, onde os ciclos minerais, as transformações energéticas, os processos biológicos e as relações socioeconômicas são investigados e analisados como um todo [...] a pesquisa agroecológica preocupa-se não em maximizar a produção de uma atividade em particular, mas sim com a otimização do agroecossistema como um todo. Esta tendência troca a ênfase de uma pesquisa agropecuária direcionada a disciplinas e atividades específicas para tratar de interações complexas entre pessoas, culturas, solos e animais.

Outro elemento além da agroecologia que vem despertando interesse são os estudos na perspectiva de análise de gênero em espaços rurais. Estes apontam a subordinação e sub-valorização do trabalho feminino em virtude deste ser considerado uma ajuda ao trabalho que pertence ao homem. Assim sendo, posiciona-se a mulher a condição de membro da família não remunerado e com atuação invisibilizada. (PACHECO, 2002; PAULILO, 1987; WOORTMANN; WOORTMANN, 1997).

Em contexto semelhante, Melo e Di Sabbato (2005), Fonseca et al. (2011) afirmam que o trabalho feminino na agricultura familiar é visto como uma extensão do seu papel de mãe, esposa, dona de casa e provedora das necessidades da família. São de sua responsabilidade o quintal, a horta, os serviços domésticos, ou seja, atividades de reprodução. De forma inversa, para o homem cabe a posição de provedor do estabelecimento.

Neste sentido, Paulilo (1987), num dos trabalhos que começou a descrever a situação da mulher agricultora, ao avaliar a organização interna das atividades agrícolas em comunidades do Estado de Santa Catarina e da Paraíba constatou que independente do caráter e esforço despendido, se feito por mulheres, geralmente é considerado “trabalho leve” e possui menor valor de remuneração. Segundo a autora:

[...] “trabalho leve” não significa trabalho agradável, desnecessário ou pouco exigente em termos de tempo ou de esforço. Pode ser estafante, moroso, ou mesmo nocivo à saúde – mas é “leve” se pode ser realizado por mulheres e crianças. Fica a pergunta: porque se paga menos pela realização dessas tarefas? A resposta não deve ser procurada em realidades especificadas das regiões estudadas ou do próprio meio rural como um todo. Essa situação ocorre da valorização social do homem enquanto “chefe de família”, responsável pela reprodução de seus “dependentes”. Assim, o trabalho desses últimos fica em plano secundário, cabendo, nestes casos, uma remuneração que apenas “ajuda” a composição do orçamento familiar.

A conclusão, portanto, é clara: o trabalho é “leve” (e a remuneração é baixa) não por suas próprias características, mas pela posição que seus realizadores ocupam na hierarquia familiar. (PAULILO, 1987, p. 7).

Portanto, diante deste cenário, compreender os arranjos produtivos, a estrutura social e as questões de gênero no bojo da agricultura familiar, pode significar um novo entendimento sobre a vida das pessoas que atuam nos contextos rurais. Neste sentido, as estratégias para o desenvolvimento agrário, o fortalecimento da agricultura familiar devem promover e valorizar a diversidade ou equidade de gênero e de geração, na busca de aprofundar a compreensão acerca da situação juvenil e da atuação feminina na atividade agrícola de caráter familiar.

1 DO CONTEXTO AOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A Associação de Produtores Agroecológicos Semente do Futuro situa-se no município de Atalanta, SC, localizado a aproximadamente 200 km de Florianópolis. De

colonização alemã e italiana, é um município essencialmente agrícola e sua estrutura fundiária caracteriza-se pela presença de agricultores/as familiares com propriedades que variam entre 10 e 50 hectares (KRAEMMER. 2000).

O extrativismo de madeira representou o primeiro ciclo econômico do município e paralelamente a agricultura de subsistência contribuía para a exploração do solo. O fim da matéria prima para as madeireiras coincidiu com a chegada da Revolução Verde³ que trouxe a mecanização e os insumos químicos para agricultura. No início dos anos de 1990, as primeiras propriedades iniciam a experiência de cultivo agroecológico.

Neste contexto foi fundada no ano de 1996 a APASF, localizada nas comunidades de Alto Dona Luíza e Santo Antônio no município de Atalanta, estado de Santa Catarina-Brasil. Inicialmente os produtores viviam em constantes incertezas, visto a dificuldade de transição do sistema convencional para o agroecológico. Não havia um sistema articulado de comercialização específico para o setor, bem como técnicas específicas que norteassem as atividades diárias e resolvessem os problemas decorrentes (SILVA 2013).

Silva (2013) descreve que a Associação se tornou referência na produção de base agroecológica no Alto Vale do Itajaí, SC e para outros/as produtores/as e associações, por apresentar e desenvolver técnicas de cultivos peculiares, integrarem-se a um sistema de comercialização competitivo, possuir uma organização interna estruturalmente organizada com marcante presença feminina, contar com uma produção diversificada e permanente, ser referência regional e municipal na produção e difusão do sistema agroecológico. Ademais, A Associação possui participação feminina marcante nos cargos de direção.

A trajetória da Associação se constitui em fracassos e sucesso. Famílias entrando no sistema, outras saindo. Atualmente ela é composta por 15 membros sendo oito mulheres e sete homens, distribuídos em sete famílias. Destas, em quatro delas, os filhos migraram ou moram em casa, mas exercem atividades no setor secundário ou terciário, enquanto os pais permanecem sozinhos na atividade agroecológica. Em uma propriedade atuam a mãe viúva e o filho solteiro, em outra, a mãe e a nora e em numa última, o casal e dois filhos homens. Os dados evidenciaram que na totalidade, as filhas mulheres migraram da agricultura. A Associação está integrada a Rede de Certificação Ecovida⁴, que reúne as associações ou grupos de produtores agroecológicos e certifica a produção dentro deste sistema.

Neste espaço empírico é que foi desenvolvida este estudo de natureza qualitativa que, segundo Bogdan e Biklen (1994) e Alves-Mazotti (1998), é uma tentativa de compreensão detalhada dos significados e características de situações apresentadas pelo investigador, os quais são os principais coletores dos dados. Consiste em um estudo etnográfico cujo pressuposto é identificar os atributos de gênero diante da questão da sucessão geracional e da migração na APASF em Atalanta (SC). Desta forma, o pesquisador investigou o problema em seu ambiente natural considerando a fonte direta dos dados, tais como eles se manifestam nas interações entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa.

3 “[...] vasto movimento de ampliação de alguns elementos da segunda revolução agrícola (seleção, fertilização mineral, tratamentos, cultura uniforme de populações geneticamente homogêneas, mecanização parcial, controle estrito do uso de recursos hídricos) aplicados, sobretudo a três culturas importantes (arroz, milho e soja) largamente cultivadas em países em desenvolvimento” (MAZOYER; ROUDART, 1997, p. 454-455).

4 Rede de composta de agricultores familiares, técnicos e consumidores reunidos em associações, cooperativas e grupos informais, juntamente com pequenas agroindústrias, comerciantes ecológicos e pessoas comprometidas com o desenvolvimento da agroecologia.

Os dados coletados no mês de dezembro de 2014 foram obtidos recorrendo-se a observação participante e entrevistas semi-estruturadas⁵ com membros atuantes desta Associação. Optou-se por utilizar a entrevista não estruturada com 10 membros (homens e mulheres) da Associação, cujos nomes e idades neste trabalho são fictícios visando preservar a identidade dos entrevistados. Os registros da observação visaram descrever e compreender o que estava ocorrendo em determinadas situações.

Posteriormente a obtenção dos dados, os mesmos foram analisados utilizando os procedimentos da Análise Textual Discursiva (ATD) de Moraes e Galiazzi (2011), entendida como uma metodologia de análise de dados de informação de natureza qualitativa que objetiva produzir novas compreensões sobre fenômenos e discursos.

2 AS MULHERES E A ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES AGROECOLÓGICOS SEMENTE DO FUTURO

Chapéu na cabeça, mãos que semeiam, cuidam e colhem, sorriso farto, reconhecimento. Marcas de uma vida dedicada a produzir alimentos nas pequenas propriedades no interior do Estado de Santa Catarina. Esta é a realidade das mulheres que compõem a APASF, uma Associação que se diferencia das demais por apresentar mulheres como precursoras na introdução e manutenção em suas propriedades de um conjunto de técnicas de produção agrícola - a agroecologia.

Falta de perspectiva, desestímulo em continuar a cultivar a terra, este era o contexto na década de 1990, em que algumas famílias no pequeno município de Atalanta- SC cansadas de sucessivas safras inexitasas, problemas de saúde relacionados ao uso de defensivos sintéticos, resolveram experimentar um modelo alternativo de produção agrícola, a agroecologia. A fala de Maria trouxe à baila o contexto da agroecologia na propriedade e os motivos que fizeram a família optar pela mesma. Segundo ela, a proposta foi recebida com precaução. Afinal, trabalharam a vida toda da mesma forma, e a mudança gerou insegurança:

Meu marido estava com problemas de saúde devido aos venenos. Nós não víamos mais perspectiva de lucro. Mas também não queria sair pra cidade, conhecemos todo mundo aqui, temos nossas coisas, nossa casa que com suor do trabalho conseguimos adquirir. Mas as safras não davam lucro e a gente estava desanimado. Foi então que surgiu a proposta de produzir na agroecologia e eu disse que essa era nossa chance de mudar de vida, de virar a página. Mas a gente não sabia como ia ser (Maria, 53anos. Entrevista concedida em 21 dez. 2014).

Neste contexto, a criação da Associação teve fundamental importância a participação feminina. Elas propuseram aos seus maridos a adesão ao novo sistema e os convenceram de que esta poderia ser a saída para não terem que abandonar a agricultura. Mas, para isso não poderiam trabalhar individualmente. Ou seja, cada família produzir o que quisesse. Era necessário combinar com os demais membros, a quantidade e a espécie a ser plantado, o preço a ser comercializado, entre outros. No entanto, era necessário que se quebrassem velhos paradigmas da agricultura como a ampliação da visibilidade do trabalho feminino. João destacou a importância que as mulheres tiveram para que a associação se concretizasse e para que pudessem adotar o sistema agroecológico.

^{55 5} O nomes e as utilizados na transcrição das entrevistas são fictícios e as idades aproximadas como forma de manter o anonimato dos entrevistados.

Eu não acreditei que ia dar certo a gente mudar pra agroecologia. Aceitei por que a Maria insistiu muito. Eu estranhei muito esta coisa de combinar com outras pessoas o que plantar, vender, etc. Eu estava acostumado a mandar sozinho em tudo. Era eu quem decidia o que plantar, a hora de colher ou vender. Agora a gente ter que ser parceiro das outras famílias, antes, parece que a gente competia. (João, 60 anos. Entrevista cedida em 14 dez 2014).

Ainda na perspectiva da atuação feminina na APASF, os depoimentos revelaram mudança na própria concepção que as mulheres tinham de si e de suas limitações. A saber

Minha vida mudou muito depois que mudamos para agroecologia. Eu nunca imaginei que pudesse me tornar mais independente. Eu fui criada para ser a esposa. Como a gente morava no interior e não podia estudar mais que a quarta série, aprendi que deveria ser uma boa dona de casa e ajudar o marido na roça. Hoje eu vejo de uma forma diferente. Não me considero ajudante dele. Nós dois somos os responsáveis sobre tudo o que acontece na propriedade, inclusive sobre o dinheiro, sobre o que comprar ou vender. Onde gastar. Percebo que minha em minha casa as coisas mudaram bastante e meu marido também percebeu isto. Em outras casas vejo que ainda existe uma certa resistência dos maridos neste sentido (Gorete, 54 anos. Entrevista cedida em 07 dez. 2014).

A mudança no modo de se relacionar com a sua realidade, não foi percebida apenas por elas. Os maridos também perceberam o empoderamento⁶ gradativo que suas esposas foram adquirindo ao longo do tempo. Os relatos evidenciam que eles também consideraram positiva esta mudança. José afirmou:

Minha mulher não é mais a mesma. Ela hoje conversa com todo mundo, entende mais as coisas. Nós temos uma relação de igual pra igual. Ela está mais disposta. Eu percebo que com a agroecologia ela se sente mais importante por que as pessoas fazem com que ela se sinta assim. No dia de feira, se ela não vai, os clientes já ficam perguntando o que aconteceu. Quando vem as pessoas visitar a nossa propriedade, ela até se arruma um pouco e vai recebendo o pessoal. Quando recebe um elogio, ela fica toda boba. Gosto de ver ela assim, satisfeita com o que faz. Nem doente ela fica mais. Até eu mudei o jeito de tratar ela (Paulo 50 anos. Entrevista cedida em 08 dez. 2014).

Ainda na perspectiva da atuação feminina na APASF, os depoimentos revelaram mudança na própria concepção que as mulheres tinham de si e de suas limitações. A saber

Minha vida mudou muito depois que mudamos para agroecologia. Eu nunca imaginei que pudesse me tornar mais independente. Eu fui criada para ser a esposa. Como a gente morava no interior e não podia estudar mais que a quarta série, aprendi que deveria ser uma boa dona de casa e ajudar o marido na roça. Hoje eu vejo de uma forma diferente. Não me considero ajudante dele. Nós dois somos os responsáveis sobre tudo o que acontece na propriedade, inclusive sobre o dinheiro, sobre o que comprar ou vender. Onde gastar. Percebo que minha em minha casa as coisas mudaram bastante e meu marido também percebeu isto. Em

6 Conforme observa Assis (2004), o termo empoderamento (*empowerment*) é utilizado por feministas e estudiosas da questão de gênero para referir-se mais ao processo de maior participação das mulheres na esfera pública principalmente política: partidos, sindicatos, associações.

outras casas vejo que ainda existe uma certa resistência dos maridos neste sentido (Neuza , 45anos. Entrevista cedida em 10 dez. 2014).

A mudança no modo de se relacionar com a sua realidade, não foi percebida apenas por elas. Os maridos também perceberam o empoderamento gradativo que suas esposas foram adquirindo ao longo do tempo. Os relatos evidenciam que eles também consideram positiva esta mudança. José afirmou:

Minha mulher não é mais a mesma. Ela hoje conversa com todo mundo, entende mais as coisas. Nós temos uma relação de igual pra igual. Ela está mais disposta. Eu percebo que com a agroecologia ela se sente mais importante por que as pessoas fazem com que ela se sinta assim. No dia de feira, se ela não vai, os clientes já ficam perguntando o que aconteceu. Quando vem as pessoas visitar a nossa propriedade, ela até se arruma um pouco e vai recebendo o pessoal. Quando recebe um elogio, ela fica toda boba. Gosto de ver ela assim, satisfeita com o que faz. Nem doente ela fica mais. Até eu mudei o jeito de tratar ela (José 47 anos. Entrevista cedida em 12 dez. 2014).

Os depoimentos evidenciaram também a percepção que as mulheres têm seu trabalho na agroecologia. Para elas a mudança na forma de cultivar também alterou a forma como seu trabalho passou a ser reconhecido dentro e fora das propriedades. Ao serem indagadas sobre quem gosta mais da agroecologia, elas ou seus esposos, as respostas foram unânimes: São elas. Dentre os motivos destacados está a visibilidade que o trabalho ganha. Neste sentido, Verônica afirma:

Eu sempre gostei mais da agroecologia do que o Pedro. Eu era a responsável pela horta e fazia as geleias aqui para nossa casa. Agora parece que me trabalho aparece mais, tem importância. Antes eu não me achava importante por que parece que eu ajudava o Pedro, agora não. Como sou eu quem faço as geleias, ele é que me ajuda, por que parte da nossa renda vem delas e ele teve que aprender a respeitar isso. Agora às vezes apreço que está invertido, ele é que me ajuda (Verônica, 62 anos. Entrevista cedida em 18dez. 2014).

Corroborando com a fala de Madalena, Tereza expõe o que mudou na sua auto percepção em relação a sua vida após adotar a agroecologia e fazer parte da APASF.

Antes de fazer parte da Associação, minha vida era o serviço da roça e o de casa e às vezes passear na casa dos parentes, ir na missa. Dependia da vontade do marido para ir pra qualquer lugar. Agora não. Eu aprendi a dirigir, quando quero ir à algum lugar combino com ele e vou. Temos conta em conjunto, vou no banco, converso com outras pessoas, faço cursos que me interessam. Se eu vejo algo que eu gosto pra mim, pra casa eu compro. Agora parece que a produção é nossa. Antes parecia que era dele (Tereza, 70 anos. Entrevista cedida em 20 dez. 2014).

Cabe aqui destacar que a inserção das mulheres rurais no campo político (sindicatos, associações, movimentos sociais, partidos políticos) tem possibilitado um aprendizado coletivo. O contexto da APASF é um exemplo, que circular no espaço público, em viagens, a participação em feiras, entre outros, transitar para além dos limites da propriedade são processos importante para maior igualdade de gênero no campo. Neste sentido, não é apenas a agroecologia o fator catalisador das mudanças para as mulheres do campo em Atalanta, ou em outras regiões. Embora predominem relações de desigualdade nas relações entre mulheres e homens no campo, têm ocorrido processos de mudança.

Há que se destacar que as relações de gênero nas famílias se tornou menos assimétrica, mas ainda está longe de ser ideal ou talvez nunca o seja. As desigualdades historicamente cristalizadas não são desconstruídas com tanta facilidade. Ademais, os relatos indicaram que a presença atuante na APASF, não é bem aceita por todos os homens e em especial um deles. A saber:

Na minha família as relações estão muito melhores do que já foram. Eu sei que meu marido foi educado para ser o “chefe da casa”. Na família dele homem não podia fazer o serviço doméstico. Como minha sogra dizia: “O homem veste as calça”. Mudar estes conceitos leva tempo. Mas aos poucos vai melhorando. Na Associação, no começo a gente sentia que eles em geral, não gostavam que a gente desse opinião. Um homem mesmo, sempre dizia que não era bem assim e principalmente pra assumir os cargos de direção. Ele dizia que era melhor que fossem os homens para coordenar, por que as pessoas dão mais credibilidade quando é um homem. Daí que eu fazia questão de que minha voz fosse ouvida. Quando a gente fazia feira junto, ele detestava que eu vendia mais que ele, por que eu agrado as pessoas, sou educada e gentil. Não gosto de resolver as coisas com grosseria (Ana 55 anos. Entrevista cedida em 12 dez. 2014)

Desde o início das atividades de feira, as mulheres estiveram atuantes. Para elas participar da agroecologia proporcionou um espaço para mostrar à sociedade o que elas eram capazes de produzir e a forma como produzem. As conversas explicitaram que elas têm consciência da visibilidade e da contribuição que seu trabalho tem dentro e fora de suas propriedades, quando relatam situações que acontecem nos pontos de venda (feiras):

A feira foi uma grande mudança na minha vida. Antes eu só trabalhava na roça e vinha pra casa, cuidava dos bichos, tirava o leite conversava com alguém diferente quando ia à missa ou ia pra cidade. Minha rotina era essa. Hoje não. Eu saio de casa, converso com outras pessoas, sei dos assuntos, vejo como os outros se comportam, se vestem, tenho amigos que nunca imaginei ter. Me sinto gente. Gosto do que eu faço e vejo que as pessoas valorizam isso. Por causa da feira, até fiz uma conta no facebook e tenho email. Meus clientes me mandam mensagens, fazem encomendas e isso até facilita meu trabalho porque posso levar separado o que eles querem e desse modo não preciso pesar na hora da venda, por exemplo.(Maria, 50 anos. Entrevista cedida em 14 dez. 2014) .

Contatou-se que a presença das mulheres na feira proporcionou à elas transitar no espaço público. A imagem a seguir retrata a participação marcante na feira.

Figura 1 – Feira da APASF com destaque feminino na comercialização.



Fonte: Pesquisa de campo. (Dez. 2014)

A participação das mulheres na feira também é percebida pelos homens. O relato de Pedro traz a baila o contexto da feira onde atua junto com Maria sua cunhada:

Nossos clientes gostam de ser atendidos pela Maria. Ela é simpática, agradável, conhece bem os produtos e conhece até receita para ensinar. Antes da agroecologia ela era diferente. Eu sei por que somos parentes. Ela conversa, com os clientes sobre vários assuntos, como saúde, economia, meio ambiente, relações de gênero, entre outros. Até aprendeu informática pra se comunicar com os fregueses. O dia que ela não vai, os clientes ficam perguntando o que aconteceu com ela. Minha mulher não vem comigo na feira, prefere ficar em casa cuidando das coisas por lá. Ela é mais tímida, mas garanto que se participasse da feira iria ser desinibida. (Pedro, 45anos. Entrevista cedida em 15dez. 2014).

O cenário descrito anteriormente avaliza as constatações de Silva (2013), Lovato et al. (2010), Shaarf (2001), entre outros quando afirma que a organização e participação das mulheres rurais tem se ampliado, à medida que passam a ser atuantes, não apenas nos sindicatos e nos movimentos sociais, mas também associações e grupos de produção que desenvolvem experiências produtivas alternativas em nível das propriedades, como: na agroecologia; na criação de centros de formação, para prestação de assessoria técnica e organizativa; na formação de espaços de comercialização como feiras, cooperativas, associações, entre outros, gera empoderamento

Assim sendo, a participação na APASF representou uma mudança na própria concepção que as mulheres tinham de si e de suas limitações e oportunizou vivenciar outras experiências. Tereza afirma:

Eu antes parecia um bicho do mato, não sabia conversar, tinha medo do que as pessoas falavam ou achavam de mim. Não falava em público. Aos poucos fui mudando. Até que um dia a associação foi escolhida entre muitas outras para representar a agroecologia em um seminário onde tinham pessoas do Brasil inteiro. Ninguém queria ir e eu disse pra Maria, se tu ir comigo eu vou. Era só gente de empresa, engravatado e a maioria homens e nós umas pobres coitadas, de unha manchada de terra, de mãos grossas de lidar com as ferramentas. Eu até já tinha ido em palestra, mas geralmente eram os homens que falavam. Quando chegou a nossa vez de falar, parece que o meu coração ia sair pela boca. E nós subimos no palco e falamos o que tinha que falar do nosso jeito. Quando

terminamos, a plateia nos aplaudiu de pé. Desse dia em diante eu pensei: eu posso, eu sou importante, eu tenho valor (Tereza, 70 anos. Entrevista cedida em 20 dez. 2014).

Constatou-se, que as experiências vividas pelas mulheres na APASF evidenciam que para que as mulheres possam resignificar o espaço doméstico, precisam desconstruir primeiro as imagens construídas de si e que foram impostas pelo conjunto da sociedade e por elas assimiladas e reproduzidas e, então, buscar a uma maior autonomização das formas de sujeição pelo contrato sexual, pela cultura etc. Romper no dia-a-dia e libertar-se desse modelo hegemônico de feminilidade, onde a mulher deve ser doce e passiva e muitas vezes assexuada, é um grande desafio, pois é uma luta contra essas identidades naturalizadas consideradas fixas, acabadas e impostas, apresentadas ao longo da história como naturais.

Figura 2 – Participação da APASF Seminário Catarinense de Agroecologia e Produção Orgânica



Fonte: Prefeitura municipal de Atalanta¹. Set. 2014

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou a importância da agroecologia como promotora de equidade de gênero na agricultura familiar agroecológica da Associação de Produtores Agroecológicos Semente do Futuro do município de Atalanta, Santa Catarina (BR). Nele foi possível identificar a participação das mulheres agricultoras familiares de base agroecológica na formação, existência e permanência da Associação de Produtores Agroecológicos Semente do Futuro do município de Atalanta (SC). Além disso,

¹<http://atalanta.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaltem/19774/codNoticia/31278#.VMquWXA5DIV/>. Acesso em: 13 Jan. 2015

perceber a posição que as mulheres tiveram em toda a trajetória da associação, bem como as mudanças decorrentes deste processo para os homens e para elas.

Percebeu-se que para estes/as agricultores/as familiares, a agroecologia tem se mostrado uma alternativa viável e promissora, pois tem possibilitado agregação de valor a produção, geração de excedente, maior autonomia produtiva e qualidade de vida dos envolvidos. A formação da associação foi um esforço coletivo de homens e mulheres na busca da permanência no campo.

Evidenciou-se que a adoção do sistema agroecológico de produção resultou em mudança na forma como as próprias mulheres concebiam sua vida e a partir daí, redefiniram sua posição e sua importância na sociedade através do empoderamento gerado a partir da emancipação e da visibilidade que seu trabalho proporciona, por abrir espaços para que elas atuem como sujeitos. Suas conquistas elevaram sua autoestima, diminuíram o preconceito e proporcionaram uma nova forma de organizar as propriedades e de gerir suas vidas.

Além disso, constatou-se mudanças na forma como os homens passaram a perceber as suas companheiras. A partir da agroecologia, as mulheres deixaram de apenas atuar como ajudantes do trabalho de seus esposos. Elas tornaram-se protagonistas e sujeitos do processo produtivo e participam das decisões a serem tomadas nas propriedades.

A análise também revelou haver relações de gênero mais equilibradas a partir da adoção da agroecologia e a criação da APASF. Neste cenário, as mulheres que antes exerciam atividades em quase todas as esferas produtivas da propriedade, mas eram responsáveis apenas por aquelas de caráter reprodutivo deixaram de atuar apenas como ajudantes do trabalho de seus esposos. Elas tornaram-se protagonistas e sujeitos do processo produtivo e participam das decisões a serem tomadas nas propriedades e na Associação. Assim sendo, seu trabalho saiu da invisibilidade e se revelou com uma importante fonte de renda para a família. Além disso, constatou-se mudanças na forma como os homens passaram a perceber as suas companheiras, considerando-as não mais como ajudantes na produção, mas como responsáveis do processo assim como eles.

Há que se destacar que para estas mulheres, fazer parte da APASF representou muito mais do que uma fonte renda, denotou participar de um mundo antes apenas idealizado ou vivido por seus esposos, pais irmãos; Permitiu avançar para além da esfera privada e participar de atividades que vão ultrapassar o trabalho doméstico ou da lavoura, da realidade vivida cotidianamente, das relações unicamente familiares; oportunizou descortinar a esfera pública por meio da vivência com realidades distintas das suas, na participação em congressos, dias de campo, cursos, palestras, feiras, seminários, viagens, entre outros.

Certamente que muitos são os desafios a serem rompidos por estas mulheres. Mas é inegável a sua ascensão como protagonistas de uma nova forma de fazer, organizar e viver a agricultura familiar e que elas promoveram rearranjos familiares, autonomia econômica, política e social.

Por fim, as ações desenvolvidas na APASF demonstram importantes avanços construídos na busca da promoção de igualdade entre homens e mulheres no meio rural evidenciando que quando as relações de gênero se equilibram, o mesmo ocorre com as relações de poder.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo et al. **Juventude e Agricultura familiar**: desafios dos novos padrões. Brasília: Unesco, 1998. 101 p. Disponível em: <<http://www.econ.fea.usp.br>>. Acesso em: 01 maio. 2014.

_____. (Coord.). **Impasses Sociais da Sucessão Hereditária na Agricultura familiar**. Brasília: Nead/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

_____. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. São Paulo: HUCITEC/UNICAMP, 1992. p. 275.

ALTIERI, Miguel **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

APREMAVI. **Planejando propriedades e paisagens**. 2005. Disponível em: <<http://www.apremavi.org.br/cartilha-planejando/>>. Acesso: 01 jan. 2014.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Lisboa: Porto Editora, 1994.

BRUMER, Anita. et al. Juventude rural e a divisão do trabalho na unidade familiar. In: Congresso Internacional Rural sociologi association (IRSA) 10. 2000. Rio de Janeiro. **Anais...**Rio de Janeiro: IRSA, 2000.

COSTABEBER, José Antonio; CAPORAL, Francisco Roberto. Possibilidades e alternativas do desenvolvimento rural sustentável. In: VELA, Hugo (Org.) et.al. **Agricultura familiar e desenvolvimento rural sustentável no mercosul**. Santa Maria, UFSM, 2003. P.157-194.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agriculturas de base ecológica. In:____. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004. cap. 3, p. 7-11.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio; PAULUS, Gervásio. **Agroecologia**: Matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. Brasília: [s.n.], 2006.

GLIESSMANN, S.R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

FONSECA, Maria do Carmo et al. Divisão Sexual do Trabalho, rearranjos familiares e relações de gênero em comunidade rural de migração masculina. In: AREND, Silvia Favero; RIAL, Carmen Silvia de Moraes; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Diversidades**: Dimensões de Gênero e Sexualidade. 1ed. Florianópolis: Mulheres, 2011. p. 251-269.

KRAEMER, Osvaldo. **Atalanta, Nossa História**. Atalanta: 2000. 61p.

LAMARCHE, Hugges. (Coord.). **A agricultura familiar**: Comparação internacional – Do mito à realidade. v. 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

_____. (Coord.) et al. Tradução: Angela Maria Naoko Tijiwa. **A Agricultura Familiar: comparação internacional**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

LOVATTO, Patricia. et al. Gênero, sustentabilidade e desenvolvimento: uma análise sobre o papel da mulher na agricultura familiar de base ecológica. **Revista Redes**, Santa Cruz do Sul, n. 2, v. 15, p. 191-212, 2010.

MELO, Hildete Pereira de; DI SABBATO, Alberto. Mulheres rurais: invisíveis e mal remuneradas. In: BRASIL MDA. **Gênero, agricultura familiar e reforma agrária no Mercosul**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p. 47-87.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. Agricultura Familiar: sustentabilidade ambiental e igualdade de gênero. In: **Perspectivas de Gênero: Debates e questões para as ONGs**. Recife: GTGênero. Plataforma de Contrapartes Novib / SOS CORPO Gênero e Cidadania, 2002. p. 138-161.

PAULILO, Maria Ignez. O peso do trabalho leve. **Ciência Hoje**, v. 5, n. 28, p. 1-7, 1987. Disponível em: <<http://nafa.paginas.ufsc.br/files/2010/09/OPesodoTrabalhoLeve.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2014.

PORTO, Maria S. Grossi; SIQUEIRA, Deis E. A Pequena Produção do Brasil: entre os conceitos teóricos e as categorias empíricas. **Cadernos de Sociologia**, n. 6, Porto Alegre: PPGS, UFRGS, p. 76-88, 1994.

SCHAAF, Alie Van Der. **Jeito de Mulher Rural; a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Editora Universitária de Passo Fundo, 2001

SCHNEIDER, Sergio. **A Pluriatividade na Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista. **Revista NERA (Presidente Prudente)**, ano 8, n. 7, p. 01-21, jul./dez., 2005.

SILVA, Adilson Tadeu Basquerote. A Participação feminina na agricultura agroecológica: um estudo de caso. In: **Fazendo Gênero 10 - Desafios atuais do feminismo**. Florianópolis. **Anais ...**, Florianópolis: UFSC, 2013.

SPANNEVELLO, Rosani Marisa. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. 2008. 223f. Tese (Doutor em Desenvolvimento rural) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VEIGA, José E. **O desenvolvimento Agrícola: uma visão histórica**. São Paulo: Hucitec, 1991